

REDES PESSOAIS E POBREZA EM SÃO PAULO

Eduardo Marques¹, Renata Bichir, Thais Pavez, Miranda Zoppi,

Encarnación Moya e Igor Pantoja²

Introdução

Em período recente, diversos estudos têm considerado a importância das redes sociais na sociabilidade dos indivíduos e no seu acesso aos mais diferenciados elementos materiais e imateriais. No que diz respeito aos debates sobre a pobreza, as redes de relações são citadas muito frequentemente como fatores chave na obtenção de empregos, na organização comunitária e política, no comportamento religioso e na sociabilidade em geral. Apesar disso, a descrição e a análise detalhadas das redes pessoais e sociais estão completamente ausentes dos debates, inclusive quando essas são citadas de maneira metafórica. Essa ausência tem especial importância, pois as redes têm sido mencionadas crescentemente em debates relativos a políticas públicas – especialmente através do conceito de capital social –, tanto como auxiliares na sua implementação quanto como elementos sobre os quais as políticas públicas devem incidir³.

Procurando preencher em parte essa lacuna, este artigo apresenta resultados preliminares de uma pesquisa em andamento sobre redes pessoais de indivíduos em situação de pobreza em São Paulo. Ao longo dessa investigação, levantaremos 150 redes pessoais (individuais) de pessoas em diferentes situações urbanas, momentos do ciclo de vida, estrutura familiar, inserção no mundo do trabalho, entre outras características, visando obter descrições de redes pessoais a partir da situação de pobreza, com perfis os mais diversos possíveis. Este artigo apresenta os resultados de 89 redes, correspondentes a três localizações urbanas distintas – cortiços localizados na área central do município, uma favela segregada (Vila Nova Esperança, em Taboão da Serra) e uma favela integrada em termos urbanos (Vila Nova Jaguaré, em São Paulo). Como será visto, a seleção desses três

¹ Professor do Depto. de Ciência Política da USP e pesquisador e diretor do Centro de Estudos da Metrópole (CEM-CEBRAP).

² Pesquisadores do Centro de Estudos da Metrópole (CEM-CEBRAP).

³ Ver PRI, 2005a e 2005b, Cechi, Molina e Sabatini, s.d., Perri 6, s.d., Levitas et al. 2007, Jha, Rao e Woolcock, 2007 Rao e Woolcock, 2001 Organismos internacionais como o Banco Mundial e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) são fontes de estudos que utilizam o conceito de capital social (e as redes sociais enquanto uma de suas dimensões) como ferramenta para compreender a pobreza e melhorar a efetividade das políticas desenhadas para seu combate (Atria, Siles (orgs.), 2003; Arriagada (ed.), 2005; www1.worldbank.org/prem/poverty/scapital/index.htm).

contextos urbanos diferenciados procurou testar o impacto da dimensão sócio-espacial na estrutura e organização das redes pessoais de indivíduos de baixa renda.

O conhecimento de como se estruturam as redes de indivíduos pobres representa um passo importante para o entendimento de suas trajetórias de vida, seu cotidiano e suas estratégias de sobrevivência, assim como para a melhor compreensão dos processos sociais que contribuem para a reprodução da pobreza em um sentido mais amplo. Os resultados da pesquisa sugerem, por exemplo, a existência de uma heterogeneidade muito maior do que se considera usualmente a respeito das redes. A adoção de uma perspectiva relacional implica, assim, conceber a pobreza como um fenômeno mais complexo e dinâmico, indo além dos resultados de abordagens centradas na renda e em atributos individuais, e que levam a pensá-la em termos relativamente homogêneos. Neste sentido, entender os padrões de sociabilidade e o efeito das redes pessoais na vida das pessoas torna-se questão premente para formulação, implementação e mesmo avaliação de resultados de políticas, especialmente aquelas voltadas para a reversão de situações de pobreza.

A pesquisa tem vários objetivos associados. Em primeiro lugar, a investigação pretende descrever e analisar as principais características das redes pessoais de sociabilidade pela primeira vez no Brasil⁴, destacando aspectos como seu tamanho, coesão, diversidade, entre outros aspectos. Além disso, a pesquisa pretende investigar também os principais condicionantes dessas redes, e em especial as suas relações com a segregação social no espaço urbano e com formas específicas de sociabilidade, como a frequência a templos religiosos e associações. Vale acrescentar que a segregação é entendida aqui como isolamento dos grupos sociais no espaço e a existência de certa homogeneidade interna a cada região. Ao contrário da maior parte da literatura sobre o tema, que leva em conta apenas a segregação de atributos individuais no espaço urbano (raça, etnia, nível sócio-econômico etc.), essa investigação testa a importância das redes na superação da condição de isolamento espacial dos indivíduos.

O artigo se divide em quatro partes, além dessa introdução. Na próxima seção, realizamos uma breve revisão da literatura relativa às redes pessoais, levantando as principais dimensões e hipóteses sobre a estruturação das redes pessoais e a sua relação com a segregação e a sociabilidade. Nesta mesma seção analisamos ainda a relação estabelecida pela literatura recente entre as redes sociais, o capital social e as políticas públicas, principalmente aquelas relativas ao combate à pobreza. Na segunda,

⁴ Um estudo anterior realizado no Recife tratou somente de redes egocentradas (FONTES E EICHNER, 2004). Redes pessoais não se restringem apenas aos contatos imediatos dos indivíduos (redes egocentradas ou egonets), mas também levam em conta as relações estabelecidas a partir desses contatos, num âmbito de sociabilidade mais amplo. Isso será melhor explicitado adiante.

apresentamos os procedimentos metodológicos adotados e descrevemos as áreas pesquisadas. Na terceira parte do texto apresentamos as principais características das redes analisadas e discutimos os seus principais condicionantes. A quarta seção elabora uma classificação das redes segundo suas características, sugerindo os tipos existentes e a sua variabilidade entre as áreas pesquisadas, exemplificados com perfis de indivíduos típicos. Ao final do artigo, resumimos as evidências apresentadas.

1. As redes, a sociabilidade e as políticas públicas

Em período recente, as redes sociais têm aparecido cada vez mais nos debates de políticas públicas. A inclusão das redes aparentemente está associada a um deslocamento nas políticas de combate à pobreza construídas ao longo das últimas décadas. Até a década de 1980, as políticas eram pensadas no contexto da assistência social e centradas principalmente nos indivíduos cujas características pessoais não lhes permitiam acessar o mercado de forma integral. A pobreza era pensada nesse caso como um estado residual e o seu combate estaria ligado à garantia da sobrevivência dos indivíduos que não conseguissem se reproduzir via mercado. Desde o final dos anos 80, os enquadramentos começam a mudar. Isso ocorre em parte como resultado da crítica das políticas sociais do regime militar efetuada por diversos autores (Draibe, 1989a e b), mas representa também o efeito de um importante deslocamento da literatura internacional. No interior dos debates mais importantes internacionalmente, diversas dimensões sociais ou coletivas foram crescentemente abordadas, tanto no campo da sociologia (Wilson, 1987) quanto no da economia, que destacou crescentemente elementos como *efeitos de vizinhança*, *role model effects* e *peer group effects* (Brooks-Gunn e Duncan, 1997).

Na literatura, as redes sociais têm aparecido especialmente em estudos que incorporam o conceito de capital social e o seu potencial para o desenho, a implementação e a avaliação de políticas públicas. Nas ciências sociais, o conceito de capital social conhece sua sistematização nas obras dos sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman, mas é nos anos 90 que se dá sua maior divulgação a partir dos estudos de Robert Putnam (Portes, 1998). Se nos primeiros, apesar das diferentes perspectivas, a idéia de capital social assume um viés mais instrumental e estrutural ao tratar dos benefícios obtidos através da participação em grupos e círculos sociais (Bourdieu) ou, em termos mais amplos, dos recursos que se encontram na estrutura das relações tanto de indivíduos como de organizações (Coleman), no segundo, refere-se a conteúdos sócio-culturais como normas, confiança e sistemas de participação de cidades, regiões e mesmo nações. Por outro lado, o capital social tem aparecido em definições que tomam as redes como seu principal

componente, redes de relações sociais que são fonte de recursos e apoio social para indivíduos, grupos e comunidades (Burt, 1992; Lin, 2001). Em meio aos múltiplos sentidos atribuídos ao conceito, e a certo ceticismo quanto à possibilidade de sua operacionalização, tem-se destacado crescentemente o potencial de seu uso como instrumento que facilitaria o alcance dos objetivos de iniciativas governamentais.

Nesse sentido, elementos relacionais têm sido considerados nas políticas de duas formas distintas. Em primeiro lugar, como aspecto que pode ajudar na sua melhor implementação, haja vista que os padrões de relações entre indivíduos, organizações e associações podem auxiliar a tornar as formas de implementação mais eficazes, alcançando mais facilmente a demanda das políticas, como no caso da incorporação de associações não governamentais na política de combate à Aids (Trotter, 1999), ou ajudando a customizá-las de acordo inclusive com aspectos culturais, como na contratação de indivíduos da própria comunidade nos programas de saúde e educação (Lotta, 2006). Por outro lado, em uma vasta e recente literatura internacional que se apóia no conceito de capital social, as redes têm sido citadas como um dos elementos a serem diretamente impactados pela ação de programas de combate à pobreza (PRI, 2005a e 2005b, Cechi, Molina e Sabatini, s.d., Perri 6, s.d., Levitas et al. 2007, Jha, Rao e Woolcock, 2007). Exemplos são os estudos incluídos em Atria e Siles (2003) e Arriagada (2005) sobre o programa Oportunidades (México) e Chile Solidario (Chile). No caso brasileiro, a incorporação das redes em programas de combate à pobreza com o objetivo de impactá-las positivamente é ainda incipiente⁵. Dada a centralidade das redes sociais, precisamos entender melhor o que elas são e como funcionam para que compreendamos como podem representar um instrumento para a ação das políticas e sobre quais elementos estas devem incidir. Contribuir para o entendimento dessa questão é o objetivo dessa pesquisa.

Uma dimensão importante a especificar a esse respeito se relaciona com a natureza das redes analisadas, pessoais ou comunitárias. Embora esses dois tipos de redes estejam em constante interação nas situações sociais concretas que cercam a pobreza, o seu estudo aponta para dinâmicas e elementos distintos. Consideramos que embora diversas dinâmicas estejam associadas às redes comunitárias (espacial ou tematicamente delimitadas), as pesquisas sobre a reprodução social da pobreza urbana devem passar também pelas conexões que os indivíduos conseguem construir no contexto de suas redes pessoais. O objetivo é entender como os diferentes vínculos sociais se relacionam, por exemplo, com suas estratégias de sobrevivência e de melhoria de condições de vida, e em que medida (e de que modo) as redes pessoais conseguem integrar os indivíduos sob efeito dos processos de segregação espacial.

⁵ Ver por exemplo <http://www.acaofamilia.prefeitura.sp.gov.br/portalfamilia/Default.aspx?idPagina=1655>.

Considerando que analisamos redes pessoais de indivíduos em situação de pobreza, devemos necessariamente iniciar pelo mapeamento das contribuições existentes na literatura sobre o tema. O restante dessa seção visa apresentar as principais referências do debate, tanto no que diz respeito à literatura que analisou redes pessoais e padrões de sociabilidade, quanto a que investigou os principais condicionantes responsáveis pelos padrões de estruturação das redes pessoais.

Podemos iniciar pela idéia de que as redes de relações remetem à sociabilidade presente em um dado contexto social. Esta dimensão foi destacada pela primeira vez nos clássicos trabalhos de Simmel (1972). Para o autor, os grupos na sociedade deveriam ser compreendidos a partir de seus padrões de interação, sendo que esses padrões constituiriam um dos principais traços diferenciadores da sociabilidade moderna baseada em uma grande quantidade de vínculos secundários bastante heterogêneos em conteúdo, fracos em intensidade e não mais necessariamente organizados territorialmente. O ponto máximo desses padrões de vínculo estaria na vida da metrópole moderna, que propiciaria aos indivíduos uma significativa liberdade de circulação e escolha social, ao contrário dos padrões característicos do mundo rural e das pequenas comunidades.

Wellman (2001) retoma a idéia de delimitação social e não necessariamente espacial dos vínculos em seus estudos sobre comunidades contemporâneas, apontando que as relações iriam para além das fronteiras físicas. Embora concorde com Simmel que esse é um traço das sociedades modernas, o autor destaca como as novas técnicas de comunicação e transportes intensificaram o processo, ajudando a superar as barreiras físicas da vizinhança e das comunidades. Para Wellman, o recente declínio da comunidade espacialmente circunscrita levou erroneamente certos pesquisadores a considerarem o fim da comunidade em geral e daí derivarem os seus efeitos sobre a solidariedade, a democracia ou mesmo a sociedade como um todo. Segundo o autor, as comunidades não desapareceram em período recente, mas apenas se transformaram, levando a interação social do “porta-a-porta” para o “lugar-a-lugar”. Esse fenômeno teria se intensificado no período mais recente em função de surgimento de novas tecnologias como a internet e o telefone celular. Dessa forma, as comunidades contemporâneas estariam escassamente reduzidas à vizinhança e a maioria das pessoas obteria informação, apoio e sentimentos de pertencimento em outras localizações nas cidades (Wellman, 2001).

O trabalho de Blokland (2003) vai ainda mais longe, afirmando que talvez a própria identidade entre comunidade e vizinhança nunca tenha existido de fato. Para a autora a contigüidade física entre indivíduos e grupos pouco nos auxilia no entendimento das relações que se estabelecem entre eles. Para além da existência ou não de vizinhança, o que marcaria a comunidade estaria em identidades construídas a partir dos vínculos sociais.

Daí a proposta de análise de “comunidades individuais” no sentido de Blokland (2003), ou seja, estudar a sociabilidade e integração social dos indivíduos a partir de seus vínculos pessoais, em especial aqueles com certos conteúdos que levam à formação da comunidade em sentido cultural e social, e não apenas geográfico.

Entretanto, os trabalhos de diversos outros autores nos sugerem que, ao menos em contextos de pobreza urbana, a geografia ainda seja um elemento chave na sociabilidade. A questão é relativamente complexa, pois a relação entre redes e espaço deve ser analisada a partir de dois ângulos distintos: o primeiro, uma característica espacial das redes (espaço como um dos atributos das redes na sua relação com o lugar), e o segundo o possível efeito do espaço sobre as redes. Esse primeiro elemento é o localismo, entendido como a elevada presença relativa de indivíduos de uma mesma localidade em uma dada rede. A segunda dimensão refere-se à segregação urbana entendida como isolamento espacial de grupos sociais, abordada aqui na escala da macro-segregação, ou seja, no plano da cidade como um todo, envolvendo ainda a dimensão da distância dessas localidades em relação ao centro. Embora a primeira dimensão seja objeto de diversos estudos, a segunda se encontra escassamente abordada e por vezes é confundida com a primeira. Como veremos nas próximas seções, nossos resultados preliminares sugerem que embora as redes tendam a ser locais (primeiro sentido), o segundo efeito (o da segregação propriamente dita) é praticamente nulo. Esperava-se que as redes pessoais variassem em suas características gerais – tamanho, coesão, variedade da sociabilidade – de acordo com o grau de segregação ao qual estavam submetidas. Encontrou-se, entretanto, que as redes variam muito, mas não em termos de sua segregação. A finalização da pesquisa, com um número de casos mais elevado e diversificado em termos de contextos urbanos, permitirá aprofundar esses resultados preliminares.

Estudos como Briggs (2001), Espinoza (1999), Pavez (2006) e Fontes e Eichner (2004) vêm ressaltando a proeminência dos vínculos entre os mais pobres com indivíduos que moram no bairro. Produz, assim, efeitos de homofilia nas redes pessoais, isto é, a propriedade de que indivíduos tendem a construir e manter mais freqüentemente contatos com indivíduos de características (atributos) sociais similares (McPherson et al., 2001).- neste caso, indivíduos com o mesmo status sócio-econômico e local de moradia. Essa é uma dimensão importante para a compreensão da reprodução da pobreza urbana, pois quando consideramos o acesso a recursos materiais e imateriais, essas interações podem tornar-se, nas palavras de Briggs (2001, 2005), verdadeiros recursos sociais que ajudam os indivíduos a “se virar” (*get by*) em condições de escassez, utilizando intensamente as redes em suas estratégias de sobrevivência. Esse tipo de apoio social se associa com maior freqüência a “laços fortes” de amizade e parentesco (Briggs, 2005).

O trabalho de Fontes e Eichner (2004) destaca o localismo nas redes egocentradas de uma comunidade de baixa renda do Recife. A maior parte dos vínculos é com pessoas da própria comunidade, estando presentes vizinhos e parentes; além disso, há elevada homofilia de sexo, idade e escolaridade. Na mesma direção vão Dujisin e Jariego (2005) ao destacar que o espaço pode facilitar e limitar ao mesmo tempo a formação e a manutenção das relações pessoais. Entretanto, os autores destacam que há fatores que atenuam o impacto do espaço, visto que cada relação pode abrir portas para outras em outros contextos – no sentido de pontes sociais e territoriais. Neste caso, a heterogeneidade das redes em termos da presença de vínculos com dessemelhantes é apontada pela literatura como essencial para a melhoria ou mesmo a superação de situações de pobreza (*get ahead*), sobretudo quando atuam como 'pontes', tal como indicado por Briggs (2003, 2005); vínculos que freqüentemente são "laços fracos", como aqueles relacionados com o mundo do trabalho (Granovetter, 1973).

A avaliação da relevância das redes pessoais para a construção de trajetórias de mobilidade social é realizada, por exemplo, por Dominguez (2004), em estudo sobre as redes sociais de mulheres imigrantes de baixa renda que vivem em bairros de Boston com concentração de moradia social. Os resultados sugerem a grande importância da existência de redes socialmente heterogêneas que incluam pontes para indivíduos localizados em outros locais na estrutura social, não apenas para veicular oportunidades, mas também acesso a repertórios e informação. Já Ferrand (2002), aponta para a importância da dualidade dos sistemas locais de relação - a presença de relações internas e externas ao local – que pode operar como pontes territoriais.

Assim, como aponta Espinoza (1999), em que pesem os argumentos de Wellman, a geografia ainda define limites para as interações sociais, em especial em contextos de pobreza onde a interação parece ser principalmente “porta-a-porta”, seja por uma característica de sociabilidade ou pela ausência de recursos que possibilitem outras formas de contato “lugar-a-lugar”. Essa linha de interpretação é também defendida por Ferrand (2002), que afirma que o estudo da composição típica das microestruturas de relações no interior de comunidades nos ensina sobre as estruturas meso que conectam as comunidades a seus contextos sociais mais amplos. Comunidades distintas teriam padrões específicos de vinculação com contextos urbanos e sociais mais amplos, tornando a relação entre segregação e redes sociais analisável apenas nos casos concreto.

Outro conjunto de questões se relaciona com os condicionantes sociais das redes pessoais. Nos estudos sobre as redes pessoais, distintas dimensões vêm sendo analisadas como determinantes das características das redes. Vários desses elementos aparecem de maneira importante em nossos resultados, razão pela qual são discutidos a seguir.

O primeiro estudo a destacar é o de Blockland (2003) sobre um bairro operário na Holanda, já citado anteriormente. A autora utiliza a classificação de redes de Ulf Hannerz (especializadas, integradas, encapsuladas e isoladas), para destacar os diferentes tipos de redes pessoais presentes. Para ela, embora esses tipos sejam construídos nas trajetórias individuais, pelo que chama de “experiência social”, dada pelo tempo, frequência dos contatos e eventos na vida do indivíduo (migração, perda do emprego, e encontros de sociabilidade, dentre outros), também são influenciados fase no ciclo de vida e atributos como gênero.

No tocante ao ciclo de vida, em pesquisa de tipo painel na França, Bidart e Lavenu (2005) analisaram o impacto da passagem da juventude para a vida adulta sobre as redes, considerando eventos como concluir a vida escolar, começar a trabalhar, imigrar, casar-se, etc. Os autores afirmam que as redes de indivíduos de renda mais baixa se reduziram mais cedo pela ocorrência mais precoce de elementos redutores das redes no ciclo de vida.

Por outro lado, Grossetti (2004) avaliou a associação entre os contextos de origem dos vínculos que constituem as redes pessoais e o ciclo de vida, constatando uma ampla predominância dos vínculos familiares na infância, uma explosão dos laços originados “via rede” (através de outras pessoas) e estudo na adolescência e, mais adiante, uma elevação relativa da importância do contexto de trabalho, em especial para indivíduos com escolaridade mais alta. Para este autor, os ciclos de vida também influenciariam o tamanho das redes, embora isso varie segundo a posição social dos indivíduos. Esse estudo revelou ainda que a proeminência dos contextos de origem dos vínculos (família, estudos, trabalho, rede) varia socialmente: vínculos de sociabilidade ou originados “via rede” decrescem com a escolaridade, enquanto tendem a aumentar os educacionais, de trabalho e associativos.

As diferenças entre as redes pessoais de homens e mulheres foram exploradas por Moore (1990) a partir de dados do Social General Survey de 1985. Os resultados sugerem que, no caso dos EUA, as redes de mulheres são em geral mais fortemente baseadas em pessoas da família e as dos homens em colegas de trabalho.

Na mesma linha do trabalho de Fontes e Eichner (2004), e ressaltando a dimensão do apoio social, incluem-se os trabalhos de Campbell e Lee (1992) e Espinoza (1999). Os primeiros sustentam que os indivíduos com menor nível sócio-econômico voltam-se para a vizinhança, pois essa constitui uma fonte de suporte emocional e instrumental, sendo muito importante a intensidade dos vínculos. Já Espinoza (1999), em seu estudo sobre acesso e redes individuais de uma comunidade de baixa renda em Santiago (Chile), mostra que a força dos vínculos é a característica mais saliente dos laços de vizinhança, influenciando a probabilidade de estabelecimento de relações, inclusive mediante casamento. Como

apontam Campbell e Lee (1992), as pessoas não escolhem dentre infinitas possibilidades, pois há constrangimentos sociais e econômicos que limitam as alternativas disponíveis.

Outra dimensão relevante para entender a sociabilidade dos indivíduos em situação de pobreza, destacada por Campbell e Lee (1992), diz respeito aos custos de manutenção dos vínculos para os diferentes grupos sócio-econômicos. Isso se deve ao fato de que manter vínculos ativos envolve custos de comunicação, transporte, entre outras despesas. Assim, esses custos tendem a ser relativamente mais elevados para indivíduos com renda mais baixa. Nesse sentido, ainda que a comunicação e a participação em eventos de sociabilidade (como, por exemplo, em atividades de lazer) possam ser freqüentes na vida dos indivíduos de baixa renda, esse tipo de interação tende a ocorrer entre indivíduos que moram próximos e apresentam características semelhantes (vizinhos e familiares), pois o custo para a manutenção desses vínculos é desta forma minimizado. Assim, as características das redes dos indivíduos parecem não estar associadas apenas à produção de contatos ou redes em suas trajetórias, mas também à manutenção dos contatos.

Por último, Ferrand (2002) analisa como e de que forma as redes de não locais transformam-se com a maior ou menor integração social, retratando o processo migratório como um processo de adaptação a um novo ambiente cultural, social e relacional. Nesse processo, o autor destaca a dificuldade dos indivíduos em manter os vínculos de suas redes de origem, e uma heterogeneidade na composição e estrutura das redes de imigrantes de distintas origens. De modo geral, entretanto, o tempo parece tender a relaxar essas características, levando ao aumento da rede, assim como a uma maior presença relativa de não conterrâneos.

2. Algumas definições conceituais e procedimentos de pesquisa

Essa seção apresenta alguns elementos de definição conceitual e explica os procedimentos de pesquisa. É importante frisar em primeiro lugar que não entendemos redes pessoais como um sinônimo de redes egocentradas. A maior parte dos estudos que trabalham com redes individuais aborda redes centradas em um dado ego, incluindo apenas indivíduos localizados a um passo de distância dele e os vínculos existentes entre eles. Esse tipo de rede pode ser analisado utilizando dados de survey, o que talvez explique a sua maior disseminação. Consideramos que uma parte importante da sociabilidade dos indivíduos ocorre em círculos mais amplos do que esses, razão pela qual não limitamos a

abrangência da rede a ser pesquisada⁶. Nesse sentido, redes pessoais incluem relações e indivíduos listados por um dado ego como participantes de suas esferas de sociabilidade. Assim, elas são maiores e mais abrangentes do que as redes egocentradas por incluírem indivíduos que distam mais do que dois passos do ego. Como veremos, procedendo dessa forma, temos acesso a redes de tamanhos muito variados, que chegam a incluir mais de 110 indivíduos e diâmetros superiores a 10 passos.

As redes se formam a partir da "entrada" de pessoas, o que se dá em *contextos* de aquisição de vínculos como a família, a vizinhança, a igreja, entre outros, ou ainda pelos contatos que levam a contatos (rede). Tais redes de relações pessoais são organizadas em diferentes *esferas* de sociabilidade. Entendemos por esfera de sociabilidade uma região da sociabilidade em geral organizada a partir de algum processo de especialização (funcional, de práticas, cultural e de idéias, entre outros recortes). A esfera é produto da especialização das atividades sociais e humanas em sentido amplo, incluindo círculos de interesse (círculos de discussão e de práticas específicas), círculos de sociabilidade e convivência (grupos de amigos) e instituições específicas (como a família). Em outros termos, a esfera inclui certo conjunto de indivíduos e organizações, as relações que se estabelecem entre eles (de vários tipos e em constante transformação), assim como determinadas identidades, conjuntos de signos e padrões discursivos no sentido de Mische e White (1998) e White (1995). Nesse sentido, as esferas guardam semelhança com os *network domains* daqueles autores, embora busquem descrever contextos mais específicos, estruturados e duradouros. Talvez seja possível dizer que as esferas da vida, conforme definidas aqui, incluam as versões mais estáveis dos *netdoms* de Mische. As esferas podem em alguns casos ser superpostas pela existência de indivíduos que participam de mais de um contexto de sociabilidade ao mesmo tempo. Esses indivíduos são chamados por nós de multiplexos e podem realizar atividades de mediação entre os diferentes contextos em que atuam.

Nossa análise das redes parte de material empírico primário gerado a partir de entrevistas com um questionário semi-aberto – referente às características gerais do entrevistado, tais como composição familiar, vínculos associativos e trajetória ocupacional, que funcionam posteriormente como atributos que auxiliam no entendimento dos padrões de relações – e ferramentas de coleta de dados relacionais, incluindo um gerador de nomes e atributos dos indivíduos das redes. Posteriormente, utilizando técnicas de análise de redes sociais, reproduzimos cada rede individualmente, construindo para cada rede uma matriz de conectividade, estatísticas e sociogramas. No conjunto da pesquisa, serão construídas aproximadamente 30 redes para cada contexto urbano escolhido, incluindo uma favela

⁶ Na verdade, há um limite operacional de quatro rodadas de perguntas por meio do método bola de neve, mas na maioria das entrevistas a rede foi "fechada" – isto é, não apareceram novos vínculos – antes mesmo que esse limite fosse alcançado.

pouco segregada, uma favela muito segregada, cortiços na área central, uma favela contígua a um bairro de elite e um conjunto habitacional de periferia, totalizando 150 redes. Para construir parâmetros gerais de controle, levantaremos também aproximadamente 30 redes de indivíduos de classe média. O presente artigo apresenta as informações relativas a 89 entrevistas situadas nos três primeiros contextos urbanos pobres, variando principalmente do ponto de vista da segregação espacial: uma favela integrada (ou não-segregada), a Vila Nova Jaguaré, situada no bairro do Jaguaré, zona oeste da cidade; uma favela isolada - a Vila Nova Esperança, no limite dos municípios de Taboão da Serra e São Paulo, na região sudoeste da RMSP; e cortiços localizados nos bairros do Pari e Luz, região central da cidade de São Paulo.

As informações relacionais foram geradas a partir de entrevistas em duas fases realizadas com o próprio indivíduo cuja rede se pretendia levantar. Na primeira parte, para compor a semente das entrevistas com o gerador de nomes, os entrevistados foram instados a fornecer um conjunto de nomes para cada esfera de sociabilidade delimitada ao longo da entrevista como relevante: familiar, vizinhança, amizade, associativa, diversão/lazer, estudos e profissional/trabalho. Esses nomes foram incluídos em uma lista que foi apresentada aos entrevistados, solicitando-os que indicassem até três nomes associados a cada nome da lista, sendo aceitas repetições livremente, assim como a indicação de si próprio. Os nomes que apareceram na entrevista e não faziam parte da semente inicial foram incluídos e submetidos a uma nova rodada de entrevista com a mesma pessoa. O procedimento foi repetido até três vezes. Desse modo, obtivemos somente a presença ou ausência de vínculos no interior de uma determinada rede pessoal, e não a força ou intensidade dos mesmos. Em seguida, solicitamos aos entrevistados para classificar os nós gerados acima segundo três atributos: contexto de entrada na rede pessoal, se o indivíduo é de fora ou de dentro da área estudada e a esfera de sociabilidade a qual pertence. Em todos os casos, os atributos podiam ser alterados no contexto da própria entrevista, considerando a sua alta especificidade com relação às trajetórias e às redes específicas.

Todo esse material coletado foi organizado de modo a constituir um banco de dados no qual constam as características gerais do entrevistado e dados referentes à sua rede pessoal – número de vínculos, diversidade de esferas e contextos, entre outras características. A partir desse banco, foram geradas estatísticas básicas de análise de redes sociais por meio do software Ucinet. As análises apresentadas nas próximas seções baseiam-se nessas informações.

Descrição dos campos

Essa seção apresenta de modo breve as principais características de cada um dos contextos urbanos escolhidos para a coleta de redes pessoais.

Com cerca de 12.000 habitantes, a favela Vila Nova Jaguaré pode ser considerada uma das maiores favelas do município de São Paulo, e também uma das mais antigas. Situada no bairro do Jaguaré, vizinho ao município de Osasco e aos bairros do Butantã e de Pinheiros, a favela apresenta uma grande heterogeneidade sócio-econômica, característica presente em diversos contextos de pobreza urbana, em especial favelas⁷. Apesar de apresentar diversas precariedades locais, o entorno da favela é predominantemente de classe média, e dista pouco da região mais rica da cidade – o centro expandido. Essas características lhe conferem uma posição relativamente favorável do ponto de vista da segregação espacial no conjunto da cidade. A favela surgiu na área de 150.000 m² doada à prefeitura para o estabelecimento de uma área de lazer, no contexto da industrialização do bairro ainda em meados dos anos 1940. O terreno, devoluto, começou a ser invadido ainda na década de 1950, e até meados da década de 1980 a favela cresceu baseada no aumento do emprego em indústrias da região. Porém, com a crise do começo dos anos 1990, a área se adensou e, de um modo geral, empobreceu.

Da cristalização de todos esses processos no espaço derivou a principal regionalização da favela: na parte mais alta, que tem como centro a Praça Onze, e em áreas circunvizinhas, encontram-se os moradores mais antigos e com melhores condições habitacionais, em um espaço mais urbanizado graças à ação dos próprios moradores e do Estado, com razoável acesso à infra-estrutura e aos serviços urbanos (água, esgoto, iluminação pública, coleta de lixo, asfalto) e comércio variado. Nas áreas mais baixas, sobretudo à margem dos trilhos do trem (que não passa mais), e nas encostas, concentram-se os moradores mais recentes e mais pobres, em moradias mais precárias e ameaçadas pelo risco de enchentes e desabamentos. Esta divisão, entretanto, não é absoluta, de maneira que mesmo nos arredores da Praça Onze há interstícios ocupados por moradias bastante precárias (em alguns casos ainda de material precário), e, por outro lado, na parte inferior também é possível encontrar casas de alvenaria com garagens. A favela foi objeto de alguns projetos habitacionais pontuais durante a gestão Celso Pitta (1997-2000) e terminados por Marta Suplicy (2001-2004), com a construção de 260 unidades habitacionais pelo projeto Cingapura. Além destas unidades novas, neste segundo governo a favela foi incluída no programa de urbanização de favelas, que deu início a um processo de remoção de algumas famílias em áreas de risco. A organização comunitária não é particularmente ativa e no plano da ação comunitária destaca-se a ação da Congregação de Santa Cruz,

7 Ver Saraiva e Marques (2005).

ligada ao Colégio Santa Cruz (colégio particular de classe alta localizado próximo). A igreja conta com importante liderança no local desde a década de 70, que atua na favela e está à frente de três creches e um centro profissionalizante que oferece cursos de corte e costura e informática.

O segundo campo, a favela Vila Nova Esperança, localiza-se no limite dos municípios de Taboão da Serra e de São Paulo, em meio a uma área de mata atlântica. O acesso se dá a partir do quilômetro 23 da Rodovia Raposo Tavares, passando por um bairro de classe média baixa e por uma estrada de terra de cerca de 4 quilômetros entre glebas ocupadas por atividades rurais. Atualmente cerca de 400 famílias moram na favela e a maior parte chegou ao local nos últimos 10 anos, quando começou a ocupação. A Vila Nova Esperança apresenta uma situação interna também heterogênea e seu “entorno” caracteriza-se pela presença de bairros de classe média baixa, como o Jd. João XXIII, com escassa oferta de trabalho. O fato de se encontrar no limite de dois municípios acabou colocando a área em um vazio institucional. A infra-estrutura urbana é bastante precária: não há iluminação pública e mesmo o acesso via “gatos” não comporta a demanda local, sendo constantes as quedas de energia. Não há ruas asfaltadas e a população tem um sério problema de transporte público, dado o isolamento do terreno em relação às vias de acesso a outros bairros, o que acarreta caminhadas diárias de adultos e crianças em uma estrada de terra e sem iluminação.

O resultado dessas características é o relativo isolamento e a segregação espacial que aumentam a situação de precariedade e vulnerabilidade de seus moradores. A Associação dos Moradores de Vila Nova Esperança tem negociado com a prefeitura de Taboão melhorias no local, e é possível que a favela seja contemplada com projeto de urbanização. Uma parte da área foi decretada Parque Ecológico pela prefeitura, a fim de conter a expansão da favela e promover futuramente melhorias na área. A principal área de expansão ocupada pela população mais pobre se situa exatamente junto a essa área.

Por fim, as entrevistas realizadas em cortiços de áreas centrais da cidade de São Paulo contemplam uma terceira situação de moradia marcada por uma situação específica que combina grande acessibilidade com alta precariedade habitacional, mas que tem como contraponto maiores possibilidades de integração socioeconômica e de acesso a serviços urbanos. Apesar de não haver homogeneidade entre os cortiços, mesmo nas melhores situações trata-se de uma condição de moradia precária por vários motivos: uso comum de equipamentos (banheiro, tanque ou mesmo cozinha) por diversas famílias, excessiva densidade habitacional, várias funções exercidas em um mesmo espaço (quarto, sala e cozinha), precariedade nas instalações hidráulicas e elétricas, ausência de privacidade e alta rotatividade locacional. Entretanto, para alguns a situação é ainda pior, em especial

para os habitantes dos porões, nos quais a umidade e a total falta de ventilação e insolação tornam essa situação dramaticamente precária.

Os bairros do Pari e da Luz estão entre as localidades do Centro que mais concentram cortiços, ao lado de outros bairros como Bom Retiro e Bela Vista. A população encortiçada é em sua expressiva maioria de origem migrante, mas os cortiços não representam uma situação provisória no momento de chegada à cidade, embora a migração entre cortiços seja muito freqüente (KOWARICK, 2005). A opção pelo cortiço e a permanência em uma condição de moradia marcada por tanta precariedade baseia-se no grande valor que essas pessoas dão às suas vantagens locais, afinal viver no Centro implica redução dos gastos de transporte e tempo, maiores oportunidades de trabalho, inclusive à noite, acesso a equipamentos e serviços públicos, além de maiores opções de lazer. No entanto, paga-se caro por essas vantagens: uma vez que a legislação relativa às normas de habitabilidade coloca na ilegalidade a maioria dos cortiços, os moradores costumam realizar “contratos” verbais com sub-locatários e pagam valores extorsivos, em média mais altos que os do mercado formal (KOHARA, 1999). Viver em cortiços também implica uma sociabilidade específica, por ser um espaço residencial marcado pela precariedade, transitoriedade e quebra freqüente da intimidade e privacidade dos moradores, resultando em conflitos com vizinhos.

3. Características básicas das redes

De uma forma geral, a escolha dos entrevistados em cada um dos campos tentou abranger a variabilidade observada em termos de sexo, idade, estrutura familiar, inserção no mercado de trabalho, etc. Em cada campo, iniciamos as entrevistas com indivíduos previamente contatados por pesquisas anteriores ou por meio de abordagem direta nas ruas e prosseguimos com técnicas de bola de neve, tendo em mente os perfis desejados para a manutenção da variabilidade nas situações sociais, mas sem empregar técnicas formais de amostragem.

O resultado foi uma amostra com uma maior proporção de mulheres – 57% contra 43% de homens –, a maioria casada ou com companheiros – 60,7%, sendo que essa proporção chega a 70% no Jaguaré, mas apenas a 55,2% nos cortiços. A idade dos entrevistados variou entre 12 e 72 anos, com média de cerca de 36 anos, mas os entrevistados dos cortiços apresentam a menor idade média – 32 anos contra 38 anos no Jaguaré e 37 em Taboão. Como seria de se esperar, a escolaridade dos indivíduos da amostra é bastante baixa – 5,4 anos de estudo, e varia pouco entre as três localidades – de 4,7 nos cortiços a 6,5 anos no Jaguaré. Os rendimentos familiares per capita são igualmente

muito baixos e variam ainda menos – R\$ 255,6 no Jaguaré a R\$ 228,7 em Taboão (em valores de setembro de 2006).

Do ponto de vista do mercado de trabalho, predominam de maneira geral os empregados sem carteira (22,5%) – em especial nos cortiços (31,0%) – e aqueles que não têm vínculo com o mercado de trabalho (donas de casa, estudantes e aposentados), com 23,6%. A eles seguem os autônomos, com 21,3% e os empregados com carteira, com 16,9%. Os desempregados somam 6,7%, mas há menos desempregados em Taboão (3,3%). A elevada proporção de autônomos indica na verdade desemprego oculto pela realização de pequenas tarefas com baixa remuneração, nenhuma proteção e caráter esporádico. A grande maioria dos empregados obteve seu emprego através de contatos de redes (73,5%), sendo essa proporção ainda mais elevada no centro da cidade (93,9%). A grande maioria das pessoas trabalha na própria área (61,8%). Apenas no caso de Taboão, o caso mais segregado espacialmente, predominam as pessoas que trabalham fora da área (56,7%). A renda familiar per capita média é maior no caso dos empregados com carteira (R\$ 401,5), seguida pela dos pequenos proprietários (R\$ 277,9).

Com relação à cor da pele, 53,9% dos entrevistados são não pretos, mas na área central há maior concentração de pessoas de cor preta – 55,2%. No Jaguaré há a maior concentração de não pretos – 66,7%.

Em termos de religião, a maior parte dos entrevistados se auto-declarou católica (63,6%), embora os católicos predominem mais fortemente no Jaguaré (86,7%); os evangélicos não predominam em nenhum dos campos, variando de 13,3 no Jaguaré a 35,7% no centro. Como veremos mais adiante, entretanto, a frequência a templos varia substancialmente. A participação em associações civis é baixa (7,9% em média), variando entre 3,3 no Jaguaré e 13,8% no centro.

Além das características gerais dos entrevistados, analisamos agora as características de suas redes pessoais. As redes levantadas têm em média 54 nós – indivíduos nas redes – (variando de 15 a 119 pessoas) e 205 vínculos⁸ (variando de 42 a 578). O diâmetro médio⁹ é 6,6 (variando de 3 a 12). A densidade média¹⁰ das redes é de 0,083, o grau médio¹¹ é 3,7 (variando de 1,9 a 5,7). Em média, as redes têm 3,9 esferas de sociabilidade (variando de 2 a 7) e 4,4 contextos de início de entrada dos nós (variando de 2 a 7). Essas informações já sugerem a existência de uma grande variabilidade nas redes pessoais. Considerando

⁸ São as relações existentes entre os nós, ou entre as pessoas da rede. Nos sociogramas eles são as linhas que ligam os nós.

⁹ É a maior dentre as menores distâncias possíveis entre dois nós.

¹⁰ Indica a proporção de relações efetivamente existentes com relação ao número de relações possíveis.

¹¹ Corresponde ao número de nós diretamente relacionados a um dado ego.

também que essas sejam influenciadas por diversas características individuais, podendo sofrer o impacto de dimensões como o sexo, a idade do indivíduo, as suas esferas de sociabilidade e o grau de segregação residencial a que estão submetidos. Testamos a seguir a importância de tais dimensões.

Considerando as proporções médias de pessoas nas diversas esferas das redes, a vizinhança aparece como a esfera mais importante com 35,3%, seguida pela família com 34,0%. Em patamar mais baixo aparece a esfera trabalho (8,0%), sendo que as demais esferas concentram muito menos pessoas. Em geral, a importância das esferas da vizinhança e da família pode ser considerada como indicador de certa endogamia das redes, o que nesse caso significa isolamento social. Ou seja, esses resultados destacam o caráter local dessas redes e parecem confirmar os achados de outros estudos que se debruçaram sobre redes pessoais em contextos de pobreza (BRIGGS, 2001; ESPINOZA, 1999 e FONTES e EICHNER, 2004).

Em termos de contextos de aquisição de vínculos e entrada de pessoas nas redes, destacam-se os contatos que levam a contatos (redes, com 28,9%), seguido pela vizinhança (26,1%) e pela família (24,5%), sendo que os demais contextos aparecem em patamares muito inferiores. Esses resultados são similares àqueles obtidos por Fontes e Eichner (2004), que destacaram a importância de vizinhos e parentes na aquisição de novos vínculos no caso do Recife.

Uma parte não desprezível das redes, 7,4%, diz respeito a contatos com conterrâneos. Esse resultado parece seguir a mesma direção dos argumentos de Ferrand (2002), uma vez que, apesar do grande número de migrantes em nossa amostra, a proporção de pessoas do local de origem que ainda permanece nas redes pessoais é relativamente baixa, até porque a maioria destes encontra-se há mais de 10 anos em São Paulo, o que provavelmente faz com que sejam produzidas novas relações na nova cidade.

Considerando a dualidade interno/externo apontada por Ferrand (2002), destaca-se que as redes pessoais coletadas têm em média 58,2% de pessoas internas à área, embora a presença dessas varie muito entre os entrevistados – entre 8,9% a 100%. O localismo também está presente em termos de diversão: a maioria dos entrevistados que realiza atividades de lazer o faz dentro da própria área (61,4%). Essas informações sugerem que uma parcela expressiva das redes é principalmente local (primeiro sentido da relação entre redes e espaço descrita em seção anterior) e socialmente homogênea, confirmando hipóteses levantadas na última seção e contrariando as descrições de Wellman.

Uma das principais dimensões que separa as redes é o sexo dos entrevistados. A homofilia de gênero (indivíduos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo) é muito

elevada nas redes (62,3%) e não há diferenças marcantes entre as três áreas pesquisadas. Mulheres tendem a ter redes maiores (com mais nós e vínculos), mais densas e mais centralizadas em torno de si.¹² A diversidade de esferas e contextos é similar para mulheres e homens. Com relação às esferas de sociabilidade, as mulheres tendem a ter mais vínculos nas esferas de vizinhança, amizade e, sobretudo, na de igreja, do que os homens. As mulheres também têm mais indivíduos que entraram na rede por outros contatos existentes, assim como um pouco mais de indivíduos externos à área. Os homens, diferentemente, têm mais indivíduos nas esferas da família, do lazer (em especial incluindo frequência a bares e futebol). Em termos de contexto de início do vínculo, as redes dos homens têm mais família e lazer e incluem muito mais conterrâneos. Várias dessas características sugerem que as mulheres mantêm sociabilidade mais intensa, quando comparadas com as dos homens.

Outra dimensão que aparentemente estrutura as informações se relaciona com o campo da religião. No que diz respeito à frequência a templos, 35,6% afirmam ir pelo menos quinzenalmente. A frequência é maior entre evangélicos - 62,5% - contra apenas 29,1% católicos. Vale destacar, entretanto, que essa mesma informação indica que 37,5% dos evangélicos vão com frequência menor ou simplesmente não vão a templos. As redes de auto-declarados católicos e evangélicos têm o mesmo número médio de nós, mas as redes de católicos possuem maiores quantidades de vínculos. Todos os demais parâmetros relacionais – densidade, clusterização, centralização, diâmetro – são muito próximos. Sob o ponto de vista da sociabilidade, evangélicos têm mais indivíduos nas esferas igreja e associação, assim como mais pessoas externas à área em suas redes. As redes de evangélicos tendem ainda a adquirir novos contatos mais intensamente via rede e muito mais via igreja, em concordância com o senso comum. Católicos, diferentemente, têm mais indivíduos nas esferas família e lazer e tendem a adquirir vínculos mais intensamente através da família. Suas redes tendem também a ser muito mais locais do que as de auto-declarados evangélicos.

Além de descrever as características gerais das redes pessoais, procuramos construir indicadores que pudessem apontar para os condicionantes desses padrões observados. Nesse sentido, para analisar a incidência de precariedade social e a sua possível relação com as redes, construímos indicadores a partir de informações da situação dos indivíduos. É importante considerar que, de acordo com o grupo populacional objeto dessa pesquisa, os níveis de precariedade considerados são bastante baixos e tentam diferenciar quem está em situação pior, considerando já seu contexto de pobreza.

¹²Uma rede muito centralizada indica facilidade de contatos, proeminência de muitos atores na rede. No nível individual, significa exatamente que um dado ator tem mais contatos do que os outros, sendo proeminente.

Em primeiro lugar, para destacar a presença de fragilidade nos arranjos familiares, criamos um indicador de precariedade familiar para situações em que o núcleo familiar era composto por um único adulto com filhos ainda pequenos. De nossa amostra, 11,2% dos entrevistados têm precariedade familiar, sendo que ela afeta mais fortemente as mulheres (todos os casos são de mulheres) e está ausente na população pesquisada do Jaguaré.

Em termos habitacionais, definimos como precária a situação de habitar em barraco de madeira ou, no caso dos cortiços, em quarto sem banheiro. Este tipo de precariedade se mostrou presente em 36,0% da amostra, e é evidentemente mais incidente no centro da cidade, pela própria definição do indicador (66% dos entrevistados estão nessa condição) – sendo que novamente as mulheres estão mais sujeitas a esse tipo de precariedade.

A condição de precariedade mais comum está relacionada com a inserção no mercado de trabalho. Estabelecemos como condição precária o desemprego, viver de bicos ou ter emprego sem carteira assinada. Essa condição incidiu sobre 67,1% daqueles com vínculos com o mercado de trabalho, mas é mais presente no centro (82,6%). Além disso, quando o rendimento médio familiar per capita era igual ou inferior a meio salário mínimo (R\$ 175), consideramos a situação dos indivíduos precários sob o ponto de vista dos rendimentos. Quase metade dos entrevistados (46,1%) apresentava precariedade de rendimento, sendo que no Jaguaré essa proporção era de 50,0% e, mais uma vez, as mulheres estavam mais sujeitas a essa precariedade.

Por fim, quando os indivíduos apresentavam duas ou mais dentre as quatro condições de precariedade anteriores, considerou-se a sua situação social como precária em geral. Essa condição incidiu sobre 48,3% da amostra, embora tenha alcançado 58,6% no centro. A relação entre a presença de precariedade social e o tamanho das redes foi confirmada por testes de médias, que sugeriram que indivíduos em situação precária têm redes com menor quantidade de nós do que indivíduos sem precariedade geral (69 contra 56 nós, diferença significativa a 95% de confiabilidade).

Cabe destacar que muitos desses resultados serão complementados através do aumento do número de casos nos campos futuros, bem como sua análise será mais desenvolvida.

4. Tipologia das redes

De forma a considerar todas essas dimensões de maneira combinada e identificar os tipos de redes existentes, foi realizada uma análise de cluster a partir das características das redes pessoais levantadas. Tecnicamente, foi utilizada análise de agrupamentos submetendo variáveis escolhidas das redes à rotina do software Spss para K-means. Para a

criação da tipologia de redes, foram utilizadas as variáveis: número de nós da rede; número de vínculos da rede; grau médio da rede; coeficiente de clusterização; índice de centralização da rede individual; número total de esferas; número total de contextos; proporção de pessoas externas à área; proporção de conterrâneos; homofilia de gênero (%) – com homens se o ego fosse homem e com mulheres se o ego fosse mulher. Não foram incluídas variáveis de atributo na construção dos grupos, mas essas foram usadas na análise para caracterizá-los socialmente.

Após vários testes, a melhor solução foi encontrada com quatro agrupamentos¹³, que são apresentados a seguir. Para cada um dos grupos, apresentamos a rede e a trajetória de um indivíduo pertencente ao grupo e que o caracteriza de maneira típica (ou seja, que apresenta características próximas à média do grupo).

Redes tipo 1 – Isolamento social, elevada precariedade e pobreza extrema

Esse grupo, que reúne 16 casos, se caracteriza por redes muito pequenas (somente 27 nós, a menor média entre todos os grupos), pouco conectadas (menor número de vínculos entre todos os grupos), altamente centralizadas em torno do próprio ego e que apresentam os menores números de esferas de sociabilidade e de contextos de início dos vínculos, além de elevada presença de conterrâneos nas redes.

A idade média dos entrevistados tende a ser um pouco mais alta e a escolaridade um pouco mais baixa, sendo que a renda familiar per capita média é a menor observada entre todos os grupos. Em termos de vínculo com o mercado de trabalho, há muitos autônomos – muitos vendedores ambulantes – e uma presença de desempregados acima da média. Os indivíduos desse grupo tendem a estar submetidos a todas as formas de precariedade – familiar, habitacional, de trabalho, de renda e, evidentemente, social.

Observando-se a distribuição das pessoas da rede segundo as diferentes esferas, verifica-se predominância das esferas da família e de amizade e pouca vizinhança e igreja. Em termos de contextos de início dos vínculos, novamente há maior predominância de família e pouca rede e trabalho. Esse é o grupo em que há menor proporção de vínculos oriundos de outras pessoas (rede), o que é condizente com a situação de isolamento social. As atividades de lazer tendem a ocorrer no interior das áreas e de maneira solitária.

Esse grupo, que está mais presente no Centro (7 casos), mas também no Jaguaré (5 casos) e no Taboão (4 casos), pode ser ilustrado pelo caso do entrevistado 58. Trata-se de um homem de 45 anos, nascido em São João do Meriti, Rio de Janeiro, mas criado em

¹³ A realização de várias análises indicou a existência de um caso discrepante, com grande quantidade de nós, que foi inicialmente retirado da análise para não enviesar a análise e que posteriormente foi reintegrado no grupo de redes maiores.

Natal-RN para onde foi com 2 anos. Veio para São Paulo há 20 anos, morando há 12 no atual cortiço. É casado, tem um filho e uma filha adolescentes da atual companheira e um outro filho de 21 anos de outro relacionamento e com o qual não tem contato. Tem 5 irmãos e 2 irmãs em Natal. Estudou até a 4ª série e é pintor autônomo há 15 anos. Trabalhou anteriormente como ajudante de metalúrgico na zona sul. Estava sem trabalho quando entrevistado. O sociograma a seguir apresenta a sua rede, sendo os homens representados por quadrados e as mulheres pelo sinal de mais.

A sua rede tem 5 mulheres. Inclui 24 nós e 100 vínculos, clusterização de 0,376 e centralização de 32%. As esferas mais importantes são família (54%) e trabalho (29%), e estes também são os contextos mais relevantes de início de vínculos (com 54 e 33% respectivamente). A maioria dos nós (70%) não mora em cortiços.

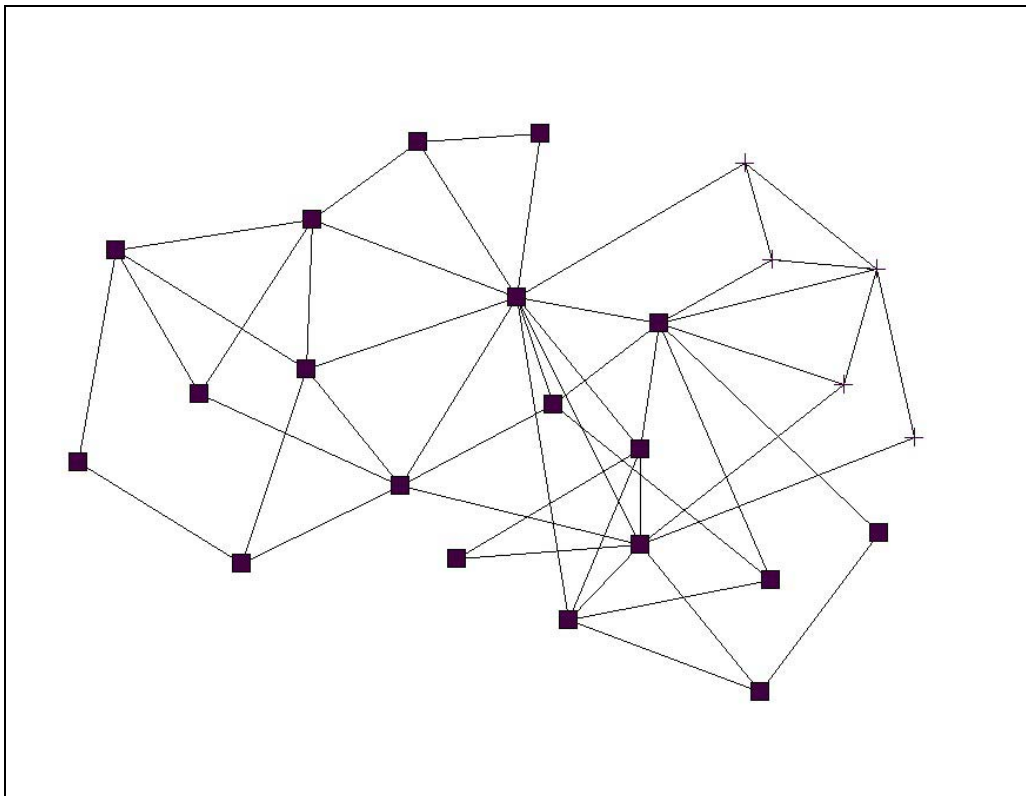


Figura 1. Rede do ego 58

Redes tipo 2 – Redes extensas e locais com pobreza

Esse grupo, que reúne 9 casos, é caracterizado pelas maiores redes em termos de nós (média de 85) e vínculos (média de 402 vínculos) e por graus médios elevados. Apresentam os maiores diâmetros, a menor centralização média em torno do ego e baixa

clusterização. São redes de tipo local, uma vez que contam com a menor presença de pessoas externas à área do ego. É também relativamente pequena a presença de conterrâneos nessas redes.

Considerando as diferentes esferas de sociabilidade, destacam-se nesse tipo as esferas da igreja e da vizinhança e a baixa presença de pessoas na esfera amizade. Em termos de contexto do início do vínculo, destacam-se as originárias de rede (maior presença de pessoas conhecidas através de outras entre todos os tipos) e trabalho. Por outro lado, verifica-se baixa presença de pessoas oriundas dos contextos família, igreja ou vizinhança.

Esse grupo apresenta renda e escolaridade muito baixas (sendo o segundo pior grupo nessas características), a maior presença de pessoas de cor preta e grande presença de pessoas sem religião. Em termos de vínculos com o mercado de trabalho, predominam os empregados sem carteira – destacando-se a presença de diaristas – e o acesso ao emprego através de rede de relações. Considerando-se as diversas situações de precariedade, esse grupo destaca-se pela maior precariedade do trabalho entre todos, e também por um pouco de precariedade habitacional e de rendimento. Não apresenta precariedade familiar.

Esse grupo, que está presente no Centro (5 casos), Jaguaré (3) e quase ausente no Taboão (1), pode ser ilustrado pelo caso 35. Trata-se de uma mulher de 46 anos que vive em São Paulo desde os 18 anos, quando migrou de Pernambuco. Mora no atual cortiço há 7 anos, mas viveu anteriormente em outros da região. Chegou a trabalhar 12 anos em uma única firma, uma loja de vestidos de noiva, onde foi contratada com registro. Posteriormente, trabalhou mais 4 anos nessa mesma empresa, depois de um rápido retorno à cidade de origem. Deixou de trabalhar por problemas de saúde iniciados quando da morte do seu marido. Posteriormente, o filho que vivia com ela foi assassinado, gerando não apenas um drama psicológico como também financeiro. Filho e mãe sobreviviam juntos: com sua pensão, a entrevistada pagava a comida, enquanto o salário do filho cobria as despesas de aluguel. Diante dessa situação, a dona do cortiço, a 'contratou' para limpar e cuidar do cortiço, além de receber os aluguéis. Atualmente tem renda familiar mensal per capita de R\$ 133. Mora com suas duas netas.

Sua rede inclui 82 nós e 380 vínculos, clusterização de 0,523 e centralização de apenas 10,59. Quase a totalidade da rede inclui indivíduos das esferas da família (43,90) e da vizinhança (53,66). Nada menos do que 90,24% dos indivíduos foi adquirido por contatos de rede e 85,37% dos nós não pertence ao circuito dos cortiços próximos. O sociograma a seguir apresenta a sua rede. Os triângulos invertidos representam pessoas de fora dos cortiços e os círculos moradores de cortiços.

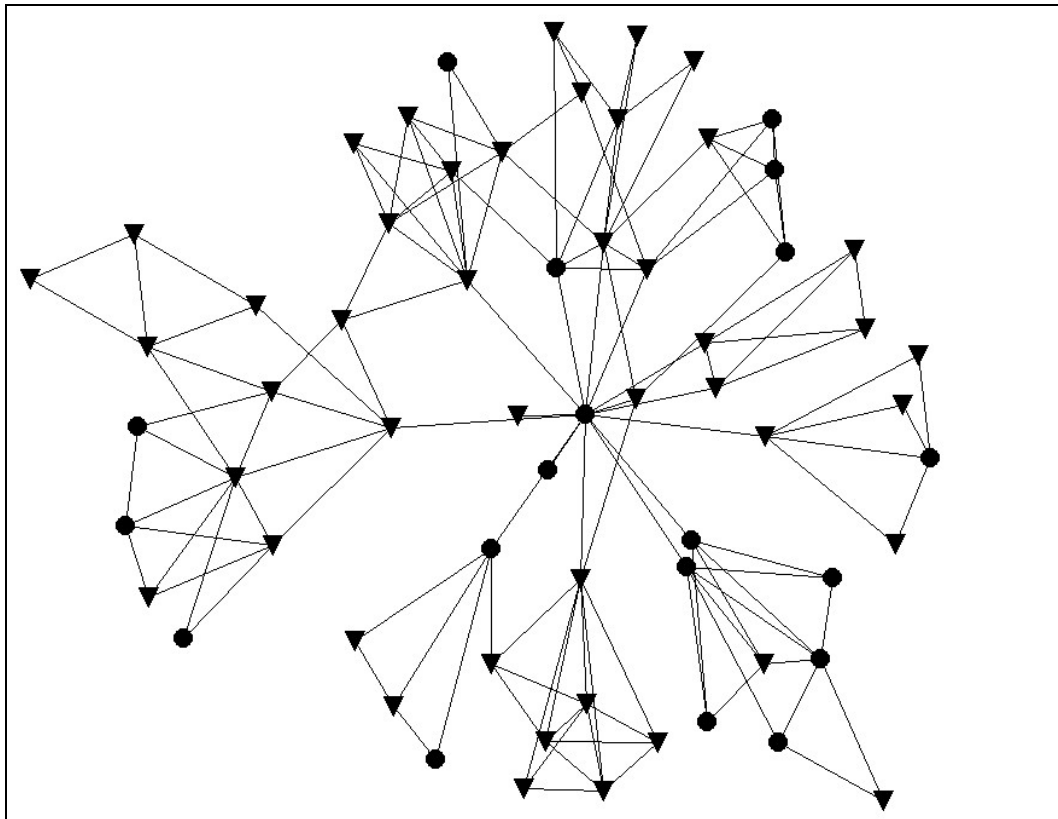


Figura 2. Rede do ego 35

Redes tipo 3 – Redes médias, com integração, baixa precariedade e predominantemente masculinas.

Esse grupo, que abrange 38 casos – sendo o maior grupo – caracteriza-se por redes médias para pequenas (48,2 nós, em média), com poucos vínculos (161 vínculos em média), centralizadas em torno do ego e com clusterização média. As redes apresentam ainda grande diversidade de esferas e contextos, além da maior proporção de pessoas externas à área e muitos conterrâneos. Este grupo caracteriza-se ainda por apresentar presença de homens muito acima da média.

Observando-se as esferas de sociabilidade, a concentração de pessoas nas diversas esferas está na média, porém o grupo concentra mais pessoas nas esferas lazer, estudos e associação. No caso dos contextos de início dos vínculos, destacam-se as elevadas presenças dos contextos família, vizinhança e igreja e a baixa presença do contexto rede.

Em termos sócio-econômicos, esse grupo apresenta os melhores indicadores de renda e escolaridade. Apresenta a menor idade média e a menor presença de pessoas de cor preta entre todos. Há ainda a maior concentração de evangélicos, embora a frequência ao culto não seja muito elevada. Considerando a vinculação com o mercado de trabalho,

esse grupo concentra a maior proporção de pessoas com carteira assinada, a maior proporção desempregados e também concentração acima da média de estudantes. Apresenta raras situações de precariedade, com exceção de alguma precariedade habitacional.

Este grupo está mais presente do Jaguaré (16), embora também apareça bastante no Taboão (12) e no Centro (10). O grupo pode ser ilustrado pelo caso 22.

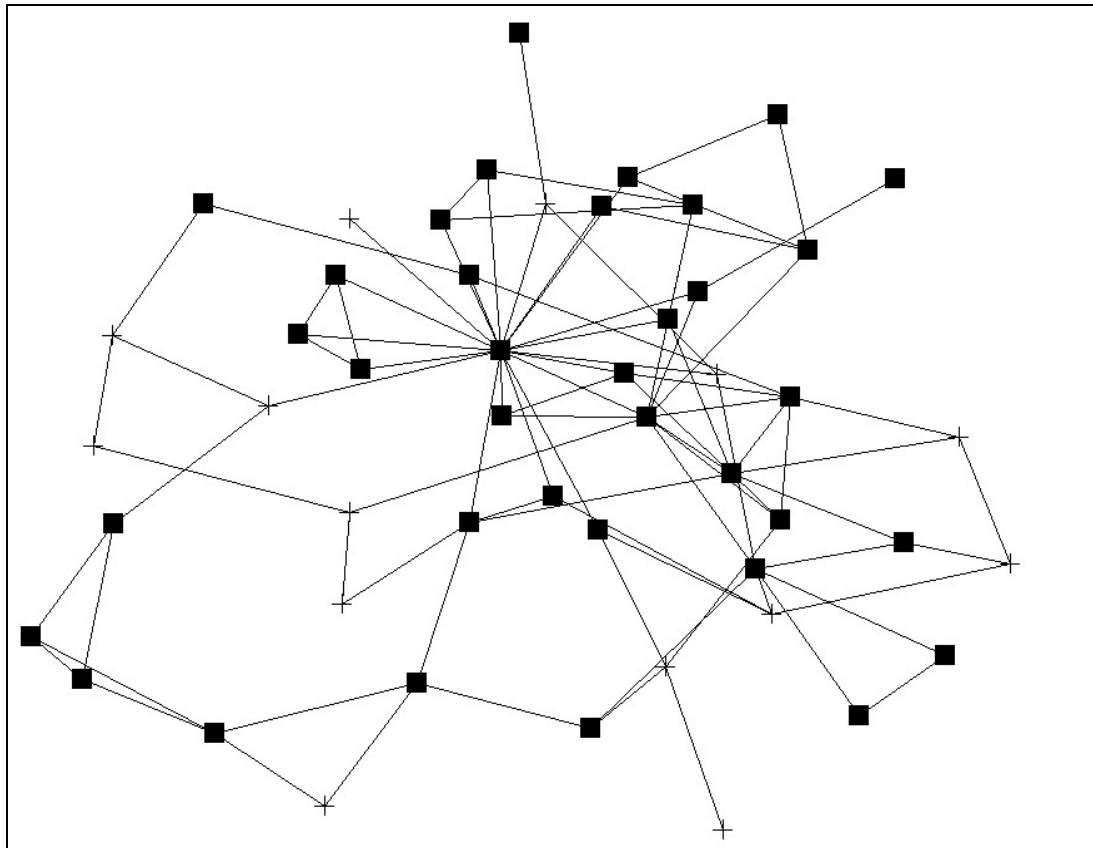


Figura 3. Rede do ego 22

O entrevistado tem 47 anos, é casado há 22 anos e tem dois filhos. Está no Jaguaré há 30 anos, para onde imigrou da Paraíba seguindo seu pai, instalado no bairro desde a década de 1950. Também tem uma filha do primeiro casamento que mora na Paraíba e que visita de vez em quando, para ver os netos. Em sua casa moram ele, a mulher, os filhos e sua sogra. O entrevistado estudou somente até a 3ª série e trabalha numa firma de construção civil em Osasco, com carteira assinada. Nessa firma trabalham também primos e amigos, que o indicaram para o trabalho. Sempre trabalhou como ajudante de pedreiro com carteira assinada em diferentes firmas. Sua esposa começou a trabalhar há 5 meses como costureira na Vila Olímpia. A filha trabalha como cozinheira e o filho apenas estuda. Seu

principal ponto de encontro no bairro é o bar de seu pai e às vezes visita um irmão em Osasco. O entrevistado organiza simbolicamente a sua rede segundo aqueles que são e não são da Paraíba.

Sua rede tem 50 nós, 180 vínculos, clusterização de 0,329 e centralização de 34,86. Os indivíduos estão distribuídos em várias esferas, embora predomine a da família (56%), que também aparece como a mais importante forma de aquisição de vínculos. A maioria dos nós da rede (76%) mora na própria favela do Jaguaré e 72% dos nós é homem. O sociograma a seguir apresenta a sua rede sendo os homens representados por quadrados e as mulheres pelo sinal de mais.

Redes tipo 4 – Redes médias com integração, com precariedade familiar e predominantemente femininas.

Esse grupo, com 26 casos, caracteriza-se por redes de médias para grandes (68 nós e 271 vínculos em média) com grau elevado de nós e muitos vínculos. Destacam-se ainda pela maior clusterização e por grande centralização. Além disso, esse grupo é caracterizado por redes com maior presença feminina, apesar da baixa homofilia de gênero. A presença de conterrâneos é a menor observada e a presença de pessoas externas à área é elevada.

Em termos sócio-econômicos, os entrevistados apresentam níveis de renda e escolaridade relativamente altos – segunda maior renda e maior escolaridade entre os grupos analisados. A idade média é alta e a presença de pessoas de cor preta é elevada. No mercado de trabalho, predominam os empregados sem carteira e os proprietários de pequenos negócios, sendo que muitos conseguiram o emprego através de redes.

Dentre as esferas de sociabilidade, destaca-se a grande presença de vizinhança, associações e estudos e a baixa presença de pessoas da esfera família. Também se destaca a participação em associações. Em termos de contextos de início dos vínculos, destacam-se vizinhança e rede, alguma associação e lazer, além da pequena participação de família e trabalho.

Esse grupo apresenta precariedade familiar, alguma precariedade de renda, mas não precariedade habitacional ou do trabalho.

O grupo está bem mais presente no Taboão (13), mas também aparece no Jaguaré (6) e no centro (7), e pode ser ilustrado pelo caso 75. Trata-se de uma jovem de 13 anos que nasceu no interior da Bahia e está há dois anos em São Paulo, em Taboão. Seus pais continuam na Bahia (em Salvador). Veio para a Vila Nova Esperança com uma irmã para morarem com outra irmã. Vive em uma casa de alvenaria em uma viela na parte mais

consolidada da favela. Ela vive hoje com uma irmã e o sobrinho, de quem cuida durante o dia. A renda mensal per capita da família é de R\$ 170, sendo R\$ 350 do salário da irmã, que trabalha como empregada doméstica e mais R\$ 60,00 do programa Bolsa Família. Estuda na escola municipal mais próxima e está na 5ª série. Tem muitos amigos no bairro e também participa de um grupo de jovens de uma igreja, mas apesar disso afirma não ter religião. Seu principal lazer é com os vizinhos no bairro mesmo, mas afirma ir esporadicamente a um shopping.

Sua rede tem 69 nós e 264 vínculos, clusterização de 0,486 e centralização de 24,50. A esfera amplamente predominante é a vizinhos (55,1%), embora a dos estudos também seja importante (21,7%). Os contextos acompanham as esferas, sendo mais importantes a vizinhança (53,5%) e os estudos (20,3%). Grande parte dos vínculos envolve pessoas da própria Vila Nova Esperança – 69,6%. O sociograma a seguir apresenta a sua rede com as mulheres representadas por sinais de mais e os homens por quadrados.

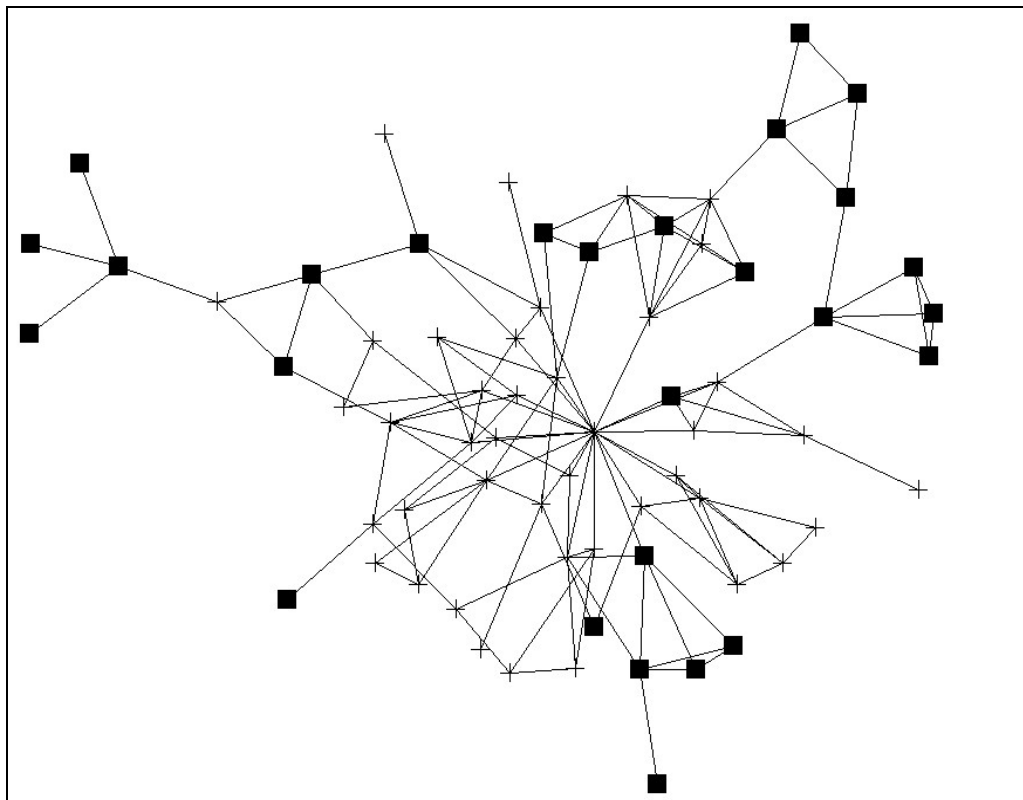


Figura 4. Rede do ego 75

6. Resumindo as evidências

De maneira geral, as redes pessoais aqui analisadas revelaram-se bastante heterogêneas, tanto em termos de tamanho, número médio de nós e de vínculos, quanto em termos de diversidade de esferas e contextos de vínculos. Observou-se ainda alguns

elementos que parecem influenciar as redes dos entrevistados, como o sexo e a religião e, por vezes, a condição de migração – aspectos que devem ser aprofundados nas análises futuras. Esses resultados indicam que, mesmo em contextos de pobreza, há uma significativa diversidade em termos de formas de estruturação das redes pessoais e dos padrões de sociabilidade – diversidade que permitiu, inclusive, a delimitação de quatro tipos distintos de redes pessoais com características específicas. O conjunto das redes estudadas indica a grande inércia das redes, que mantém indivíduos e vínculos inseridos em contextos de sociabilidade bastante diversos dos atuais, como é o caso dos de conterraneidade.

Uma das características comuns que a maioria das redes compartilha é o localismo. Muitas das redes pessoais analisadas estão contidas no próprio local onde vive o ego, restritas a esferas de sociabilidade que tendem a ser endogâmicas, tais como vizinhança e família. Esse localismo vai contra as hipóteses de Wellman e é condizente com o observado em outras localidades no caso de redes pessoais de pessoas pobres (BRIGGS, 2001; ESPINOZA, 1999 e FONTES E EICHNER, 2004).

Por outro lado, a distribuição dos casos nas três áreas de pesquisa não sugere a existência de uma relação forte e direta da segregação sobre os tipos de redes, havendo redes de diferentes tipos em locais mais ou menos segregados. Para além da macro-localização na cidade, as principais clivagens presentes nas redes parecem ser sociais – indivíduos em piores condições sócio-econômicas, de habitação e de emprego têm redes menores, mais locais e menos diversificadas. Os resultados do desenrolar dessa investigação permitirão testar a validade dessas conclusões preliminares, assim como introduzir novas dimensões à análise.

Assim, de maneira geral, podemos dizer que há forte localismo nessas redes analisadas – uma vez que a maioria das redes pessoais encontra-se fortemente estruturada em torno dos vínculos que ocorrem numa determinada área – mas não foi observado impacto importante da segregação residencial sobre as redes pessoais, visto que as características gerais observadas estão presentes em contextos mais e menos segregados.

No que diz respeito às políticas públicas, embora ainda não tenhamos conhecimento suficiente para compreendermos substancialmente a relação com as redes, podemos adiantar alguns elementos. O uso das redes como auxiliar das políticas pode ser um caminho profícuo desde que se possa tirar proveito da variabilidade das redes pessoais, incorporando operacionalmente nas políticas os diferentes tipos de redes existentes. Do ponto de vista da reprodução da pobreza urbana, ainda que o estudo não tenha se debruçado sobre a dinâmica dos vínculos, há redes (Tipo 1) que se caracterizam por alto grau de isolamento, o que sugere a incapacidade ou a grande dificuldade desses indivíduos

para mobilizar recursos, mesmo para a sobrevivência (apoio social). Porém, outras redes (Tipos 3 e 4), tanto pela diversidade de esferas como pela presença de vínculos mais distribuídos naquelas, parecem propiciar acesso a elementos diferenciais, inclusive a partir da conexão com contextos não locais. Neste caso, a heterogeneidade nas relações sociais parece fazer diferença, o que indica que a inclusão de elementos relacionais na análise da pobreza demanda uma desagregação desta categoria em diferentes situações.

Não obstante os resultados preliminares apresentados apontarem para a importância das redes na reprodução de situações de pobreza, as informações aqui contidas também sugerem que influenciar ou produzir redes, como gostariam programas públicos de combate à pobreza, é uma atividade altamente duvidosa e que depende de diversas condições escassamente controladas pelas políticas estatais no momento. A construção de programas desse tipo parece depender da existência de ações continuadas no tempo, centradas na sociabilidade e ligadas muito intimamente às dinâmicas e condições locais.

Referências bibliográficas

- ARRIAGADA, I. (ED.) Aprender de la Experiencia – El Capital social en la superación de la pobreza, *Libros de la CEPAL*, N° 86, Santiago de Chile, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Publicação das Nações Unidas, 2005.
- ATRIA, R. et alli (orgs.). Capital social y reducción de la pobreza en América y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma, *Libros de La CEPAL*, N° 71, Santiago de Chile, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2003.
- BIAN, Y.; BREIGER, R.; DAVIS, D. E GLASKIEWICZ, J. Occupation, class and social networks in urban China. In: *Social Forces*, 83(4), 2005.
- BIDART, C, LAVENU, D. Evolution of personal networks and life events. In: *Social Networks*, n° 27, 2005.
- BLOKLAND, T. *Urban Bonds*. Londres: Basil Blackwell, 2003.
- BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G. Network measures of social capital. *Connections* 21(2): p.36, ISNA, 1998.
- BRIGGS, X. *Ties that bind, bridge and constrain: social capital and segregation in the American metropolis*. Artigo apresentado no seminário “Segregation and the city”, realizado no Lincoln Institute for Land Policy, 2001.
- BRIGGS, X.. *Bridging networks, social capital and racial segregation in America*. Cambridge: KSG Faculty Research Working Paper Series, 2003.
- BRIGGS, X. Social capital and segregation in the United States. In: Varady, D. (ed.) *Desegregating the city*. Albany: Suny Press, 2005.
- BROOKS-GUNN, J. e DUNCAN, G. (editors), *Neighborhood Poverty – Volume II: Policy Implications in Studying Neighborhoods*. New York: Russell Sage Foundation, 1997.
- BURT, R. *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CAMPBELL, K. E LEE, B. Sources of Personal Neighbor Networks: Social Integration, Need, or Time? In: *Social Forces*, Vol. 70, No. 4, pp. 1077-1100, 1992.

- CECHI, C.; MOLINA, L. e SABATINI, F. s.d. *Is social capital a policy tool against poverty and inequality? A discussion of development strategies in rural India*. Xerox. obtido em <http://www.socialcapitalgateway.org>.
- DE LA RUA, A. Processo de identificação política mediante redes transnacionais de amistad. In: Porras, J. e Espinoza, V. *Redes: enfoque y aplicaciones del análisis de redes sociales (ARS)*. Santiago: Universidad Bolivariana, 2005.
- DOMÍNGUEZ, S. Estrategias de movilidad social: el desarrollo de redes para el progreso personal. In: *Redes, Vol. 7 (1)*, 2004.
- DRAIBE, S. "O Welfare state no Brasil: características e perspectivas". In: *Ciências Sociais Hoje, 1989*. Rio de Janeiro: ANPOCS/Ed. Rio Fundo, 1989a.
- DRAIBE, S. "As políticas sociais brasileiras: diagnósticos e perspectivas". In: *Para a década de 90: prioridades e perspectivas de Políticas públicas*. Ipea: Políticas sociais e Organização do Trabalho No. 4. Brasília: Ipea/Plan, 1989b.
- DUJISIN, R. E JARIEGO, I. Las puentes interlocales: las redes personales de los universitarios alcañareños en Sevilla. In: Porras, J. e Espinoza, V. *Redes: enfoque y aplicaciones del análisis de redes sociales (ARS)*. Santiago: Universidad Bolivariana, 2005.
- ESPINOZA, V. Social Networks Among the Urban Poor: Inequality and Integration in a Latin American City. In: Wellman, B. (edit.) *Networks in the Global Village: Life in Contemporary Communities*, Westview Press, pp 147-189, 1999.
- FERRAND, A. Las comunidades locales como estructuras meso. In: *Redes, Vol 3, No 4*, 2002.
- FONTES, B. E EICHNER, K. A formação de capital social em uma comunidade de baixa renda. In: *Redes, Vol 7 (2)*, 2004.
- GRANOVETTER, M. "The strength of weak ties". In: *American Journal of Sociology. Vol 78, No 6*, 1973
- GROSSETI, M Where do social relations come from. In: *Social Networks, nº 27*, 2005.
- JARIEGO, I. *A general typology of the personal networks of immigrants with less than 10 years living in Spain*. Trabalho apresentado no XXIII Sunbelt Conference, 2003.
- JARIEGO, I. *Geografías del desorden – mallas de paisaje: el entramado de relaciones de los inmigrantes*. Mimeo, 2006.
- JARIEGO, I. Tipos de redes personales de los inmigrantes y adaptación psicológica. In: *Redes, Vol 1*, 2002.
- JHA, S; RAO, V. e WOOLCOCK, M. 2007. "Governance in the Gullies: democratic responsiveness and leadership in Delhi's slums". In: *World development, vol. 35, No 2*.
- KADUSHIN, C. "Some basic network concepts and propositions". In: *Introduction to Social Network Theory*. NY: CUNY, 2004, draft.
- KADUSHIN, C. E JONES, D. "Social networks and urban neighborhoods in New York City". In: *City & Society, vol 6, nº 1*, june 1992.
- KOHARA, L. T. *Rendimentos obtidos na locação e sublocação de cortiços : estudo de casos na área central da cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado defendida na Escola Politécnica da USP.
- KOWARICK, L. *O centro de São Paulo e seus cortiços: sociologia & história & etnografia*. São Paulo, mimeo, abril de 2005.
- LEVITAS, R.; PANTAZIS, C.; FAHMY, E.; GORDON, D. LOYD, E. e PATSIOS, D. 2007. The multi-dimensional analysis of social exclusion. Bristol: Department of sociology and school for social policy. obtido em http://www.cabinetoffice.gov.uk/social_exclusion_task_force
- LIN, N. *Social capital: a Theory of Social Structural and Action, Structural Analysis in the Social Science* Vol.19. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LOTTA, G. *Saber e poder: Agentes Comunitários de Saúde Aproximando Saberes Locais e Políticas Públicas*. Dissertação de mestrado defendida na FGV-SP, 2006.
- MARQUES, E. *Estado e redes sociais: Permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan/Fapesp, 2000.

- MARQUES, E. *Redes sociais, Instituições e Atores Políticos no governo da cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Annablume, 2003.
- MCPHERSON, M., SMITH-LOVIN, L. e COOK, J. . Birds of a feather: homophily in social networks. In: *Annual Review of Sociology*, No 27, 2001.
- MCCARTY, C. "Structure in personal networks". In: *Journal of Social Structure*, vol 3, 2005.
- MISCHE, A. E WHITE, H. *Between conversation and situation: public switching dynamics across network domains*. NY: New School for Social Research, 1998, draft.
- MOLINA, J. E GIL, A. Reciprocidad hoy: la rede de las unidades domésticas y servicios públicos de dos colectivos de Vic (Barcelona). In: Porras, J. e Espinoza, V. *Redes: enfoque y aplicaciones del análisis de redes sociales (ARS)*. Santiago: Universidad Bolivariana, 2005.
- MOLINA, J. Localizando geográficamente las redes personales. In: *Redes*, Vol 8 (5), 2005.
- MOORE, G. "Structural determinants of men's and women's personal networks". In: *Annual Sociological Review*, vol. 55, nº 5, 1990.
- PAVEZ, T. *Políticas públicas e ampliação de capital social em comunidades segregadas: o programa Santo André Mais Igual*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Depto de Ciência Política da FFLCH-USP, 2006.
- PERRI 6. *Escaping poverty: from safety nets to networks of opportunity*. Paper obtido em www.demos.co.uk, 2005.
- POLICY RESEARCH INICIATIVE. *Social capital in action*. Governo Federal do Canadá. obtido em <http://policyresearch.gc.ca>, 2005a
- POLICY RESEARCH INICIATIVE. Social capital as a public policy tool. Governo Federal do Canadá. obtido em <http://policyresearch.gc.ca>, 2005b..
- PRETECEILLE, E e RIBEIRO, L. Tendências da segregação social em metrópoles globais e desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos aos 80. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 14 (40), 1999.
- RAGIN, C. *The comparative method: moving beyond qualitative and quantitative strategies*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- RAO, V. e WOOLCOCK, 2001. Social capital and risk management strategies in poor urban communities: what do we know? obtido em <http://poverty2.forumone.com>.
- SANTOS, J. Uma classificação socioeconômica para o Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol 20 (58), 2005.
- SARAIVA, C., E MARQUES, E. "A dinâmica social das favelas da região metropolitana de São Paulo". In: MARQUES, Eduardo E TORRES, Haroldo (orgs.). *São Paulo – Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- SCOTT, J. *Social Network analysis*. California: Sage Publications, 1992.
- SIMMEL, G. "El cruce de los círculos sociales". In: *Sociología*, 2. *Estudios sobre las formas de socialización*. Alianza Universidad, 1972 [1908].
- TROTTER, R. "Friends, relatives and relevant others: conducting ethnographic network studies". In: Schensul, R. (org.). *Mapping social networks, spatial data and hidden populations*. Londres: Altamira, 1999.
- WELLMAN, B. Lugar físico y lugar virtual: El surgimiento de las redes personalizadas. In: Redes: Porras J. E Espinoza V. (Org.) *Enfoques y Aplicaciones del Análise de Redes Sociales (ARS)*. Santiago de Chile, Instituto de Estudios Avanzados (USACH), Editorial Universidad Bolivariana, 2005 pp.69-116, 2001.
- WHITE, H. "Network switchings and bayesian forks: reconstructing the social and behavioral sciences". In: *Social Research: An international quaterly of the social sciences*. Vol 62, No 4, 1995.
- WILSON, W. *The truly disadvantage: the inner city, the underclass and public policy*. University Chicago Press, 1987.